

MISSA DO GALO — UMA REAPRESENTAÇÃO DE UMA REPRESENTAÇÃO

Suzana Cardoso Teixeira de Salles *

Este trabalho procura analisar o conto de Machado de Assis, «Missa do Galo»,¹ partindo dos conceitos de representação teatral, lúdica e ritual. É possível associá-lo a uma representação, onde o narrador faz a reapresentação de seu sonho, imaginação proposta como realidade, representando o antigo «jogo» de Adão e Eva por meio do qual é introduzido ritualisticamente no mundo dos adultos.

1. Teatro

Procuramos discernir os elementos de representação teatral contidos no conto, quanto a seus aspectos referenciais de imaginação (a peça e seu autor); ilusão, fantasia e transmutação psicológica (atores/personagens e espectadores); ambiente e desejo (palco e bastidores).

1.1. A peça e seu autor

A narrativa da «Missa do Galo» é uma reconstituição de um momento aparentemente sem importância, mas que se revela essencial pelas emoções, impressões, mudanças e sentimentos

* Aluna do curso de Teoria da Literatura — Análise do Discurso Literário — Profa. Ruth Silviano Brandão Lopes

1. Esta análise baseia-se na edição da Obra Completa de Machado de Assis — Vol. II — Págs. 584 à 589. O conto «Missa do Galo» pertence ao livro **Páginas Recolhidas**.

que despertou no narrador. O conto é uma tentativa de reproduzir, através da evocação, a cena original guardada na memória de seu narrador que procura, atrás do que foi realmente dito, decifrar o enigma (invisível) apresentado sob forma de máscara (no nível visível). Procura ver o que permaneceu na penumbra, escondido atrás da máscara/disfarce.

Na sua tentativa de entender «a conversação que tive com uma senhora, há muitos anos, contava eu dezessete, ela trinta», conforme suas palavras, o narrador insinua, imagina e acaba por determinar a atitude de sua companheira. A narrativa, fruto de sua imaginação, de uma ilusão, é a expressão de seu desejo. Não é a reprodução da realidade, sendo, antes, uma transfiguração e interpretação dos sentimentos do narrador que representa em sua peça vários papéis. É o autor, mas transmuda-se em ator, ou seja, personagem fictício por ele mesmo imaginado, ao mesmo tempo em que é o espectador da representação de sua própria obra: Conceição.

Seu múltiplo papel, como o de todo narrador/personagem, dá-nos uma visão limitada do que realmente teria acontecido. Não é um narrador digno de confiança, pois «há impressões dessa noite, que me parecem truncadas ou confusas. Contradigo-me, atrapalho-me».

1.2. Atores/personagens e espectadores

O ator identifica-se com a personagem que representa, até que chega um momento em que a realidade e aparência se confundem. O papel (imaginário) que representa é proposto como realidade, levando o ator à ilusão.

O. Mannoni,² abordando o teatro pelo seu lado imaginário, coloca em primeiro plano a ilusão. O homem vive de ilusões. Assim como a criança brinca de adulto porque deseja ser adulto, o adulto deseja ser um herói. O teatro permite ao homem identificar-se com um herói, com um ideal. Permite o que a vida não

2. MANNONI, O — «A ilusão cômica ou o teatro do ponto de vista do imaginário» in **Chaves para o imaginário**, Ed. Vozes — Petrópolis — 1973.

permite. No teatro o homem realiza seu desejo de levar outra vida. Quando a cortina se levanta, as potências imaginárias do EU são ao mesmo tempo liberadas e organizadas — dominadas pelo espetáculo. Pode-se dizer que a cena do teatro se torna extensão do EU com todas as suas possibilidades. Como no sonho.

Um ator revela, ao representar um papel/personagem, toda a sua reserva de papéis imaginários, todas as vidas que não viveu.

No público, como no palco, há alguém que deve ser enganado, iludido. É quando o teatro produz seu efeito: uma inquietação particular e o sentimento de estranha novidade que acompanha o retorno do desejo recalcado. Tudo isto é dosado e se desfaz aos poucos. Não leva a nada. Somos solicitados a uma identificação e depois liberados. A ilusão é alojada na cena do sonho. Depois da representação, de uma certa maneira, nós acordamos.

Nogueira, ébrio de Dumas, vai às aventuras como um herói mítico, aventureiro, cavaleiro fora de sua realidade, mas de acordo com seus ideais romanescos de adolescente. Solicitado por Conceição, recria sua personagem. Passa a ser o herói romântico de Macedo,³ estudante, ingênuo, que faz do amor um jogo. Herói ingênuo e inexperiente, precisa de uma atriz que o seduza, dando realidade a sua imaginária aventura. Sua personagem nasce da necessidade de viver histrionicamente seu desejo.

Conceição, enquanto atriz do desejo de Nogueira, dissimula, oculta suas intenções, mascara-se. Mostra-se enganosamente, disfarça a própria aparência, chegando a parecer, mimeticamente, com os objetos que a cercam. Nogueira pensa encontrar brechas, que o levariam à luz, nos gestos, olhares e palavras que Conceição deixa escapar, sempre de modo ambíguo e obscuro. Seria santa ou sedutora? Trapaceira, calculista ou simplesmente uma mulher cujo «círculo de idéias era estreito»? Cleópatra ou Nossa Senhora da Conceição? Branca — pura — como seu roupão ou preta — impura — como suas chinelas?

3. A intriga do romance *A Moreninha* de Macedo começa com um jogo, uma aposta feita entre dois amigos. Como veremos, a seguir, a conversação entre Nogueira e Conceição pode ser encarada como um jogo.

O espectador, acompanhando o desempenho do ator, é iludido e seduzido por seu discurso, torna-se seu cúmplice. Participando da representação, entra no mundo do irreal, alivia suas tensões, experimentando a catarse.

Nogueira, espectador das evoluções de Conceição, transfere para ela o seu desejo. «O lugar do imaginário é o EU do narcisismo, o lugar dos reflexos e das identificações». ⁴ O narrador concebe a representação como um espelho. A cena torna-se extensão de seu próprio EU, como no sonho. Vê, refletido em Conceição seu próprio sentimento que, interdito, deve ser mascarado. Pensa desmascará-lo ao tentar reconciliar a representação com a realidade. Cria uma nova Conceição, projeção e disfarce do seu desejo: «ela, que era apenas simpática, ficou linda, ficou lindíssima». Chega um momento em que — reflexos de sua própria ambigüidade — realidade/aparência, mentira/verdade, ser real/ser criado confundem-se. Transformam-se em sonho do qual acorda, terminada a representação.

1.3 O palco e os bastidores

O palco do conto é o espaço onde é representada a conversação de Nogueira e Conceição. O ambiente teatral cria uma atmosfera sensual que envolve as personagens, produz e estimula a sensualidade:

— A iluminação indireta de um candeeiro a querosene, que propicia jogos de luz e sombra, claros e escuros, personagens que aparecem e desaparecem, tornando-se misteriosos.

— O cenário com sua mesa no centro da sala, cadeiras, canapé, cortinas, janelas e portas, espelho e quadros na parede, possibilita a marcação teatral do conto: «sentei-me à mesa», «Conceição entrou na sala», «foi sentar-se», «ergueu-se rapidamente e deu alguns passos», etc. Ida e vinda marcada pelo diretor, representada com o intuito de seduzir prendendo e envolvendo a atenção de Nogueira.

4. MANNONI, O — op. cit. pág. 177.

Nos bastidores, espaço do desejo e também da lei, do interdito, dos corredores, da penumbra, daquilo que não é visto pelos espectadores, encontram-se:

Menezes — «Naquela noite de Natal foi o escrivão ao teatro». O palco está livre para Nogueira e Conceição. Mas, enquanto marido, o escrivão continua sendo o representante da lei. Mesmo ausente, interdita o sonho de Nogueira, como o camundongo, castrador, que roe em seu gabinete.

Dona Inácia — A mãe, representante da família, dorme em seu quarto, «está longe, mas tem o sono muito leve» e pode acordar.

O amigo — representante da sociedade, ao bater à janela funciona como o coro nas tragédias clássicas. Na tragédia, defrontam-se «a opinião pública encarnada pelo coro e o herói, diante de cuja ação o coro muitas vezes se mostra reticente, suspeitoso, senão diretamente crítico ou colérico». ⁵ O coro é uma fala em oposição à fala do herói que não é um mestre da verdade. O coro acusa, poda, interrompe o sonho/desejo de Nogueira.

O desejo — que planta suas sementes no inconsciente de Nogueira. A consciência não permite que ele venha à luz, que se manifeste. Cria-se o espaço do interdito, espaço de sombra. O desejo, irrealizável na realidade, permanece no inconsciente, manifestando-se, somente, através do sonho e da imaginação, numa evasão da vida real.

2. O jogo

O jogo ⁶ é revestido de mistério, na sua esfera as leis e costumes da vida cotidiana não têm valor, somos e agimos diferentemente. Há uma abolição temporária da realidade que é revestida, pelo homem, com fantasias. O jogo é uma representação de movimentos, idas e vindas, peripécias, alternâncias, encadeamentos e desfecho.

5. COSTA LIMA, Luiz — **Mimese e Modernidade — formas das sombras**, Ed. Graal Ltda. R.J. — 1980. Pág. 19.

6. As noções de jogo utilizadas neste trabalho foram extraídas de HUIZINGA, J. **Homo Ludens**, Gallimard — France — 1951.

Nogueira vê nas idas e vindas, nos gestos e falas de Conceição, um jogo. Jogo dissimulado, misterioso, representação. Conceição fala através de símbolos que funcionam como máscaras. Torna-se uma outra pessoa, um mistério que ele nunca pode entender. Nogueira pretende arrancar a máscara, decifrar os símbolos e o enigma. Interpreta a conversação procurando o significado daquilo que está visível e do que está invisível. Concilia, assim, representação e realidade na tentativa de desmascarar o jogo.

Todo jogo possui regras imperiosas e indiscutíveis que determinam o que terá força de lei no seu espaço temporal. Assim que as regras são violadas, o universo do jogo desmorona-se, a todo momento a realidade pode retomar seus direitos. O infrator deve ser eliminado porque, rompendo com o estabelecido, a lei, ameaça a harmonia do jogo.

Nogueira e Conceição representam o jogo de Adão e Eva. Assim como Eva é criada a partir de uma costela de Adão, Conceição é o produto do desejo de Nogueira. A Conceição sedutora, que joga e insinua foi criada na imaginação e sonho de Nogueira.

O desejo desempenha o papel da serpente, da tentação. Entre o desejo e sua realização — infração — impõe-se uma barreira, o espaço do interdito, a lei. Nogueira e Conceição são tentados pelo desejo a romper com as leis do matrimônio e entram no espaço do sonho: Conceição «devaneando» e Nogueira numa «espécie de sono magnético». São acordados pelo roer de um camundongo no gabinete de Menezes. O camundongo é o representante da lei, o juiz que os expulsa do paraíso — sonho — onde são realizados os desejos, onde são violados os interditos. O camundongo, consciência, auto-censura, castrador simbólico, corta, rói, inibe e interdita o desejo.

Assim temos,

Jogo de Adão x Eva: Jogo de Nogueira x Conceição

Onde,

Eva: Conceição :: Adão: Nogueira

Serpente: desejo: Deus :: camundongo

Pecar: sonhar :: expulsar: acordar.

3. Ritual

O ano litúrgico dos cristãos é dividido em ciclos. O advento, período de quatro semanas com que se inicia o ano, é um tempo de preparação para o natal. Segundo Mircea Eliade,⁷ entre o fim de um ciclo e o início do ciclo seguinte realiza-se uma série de rituais que visam à renovação, à recriação. Assim, temos rituais que celebram o início de um ano novo, semelhantes aos que celebram a entronização de um novo rei. Toda mudança é seguida de um ritual.

Nogueira, adolescente, encontra-se num ponto de transição. Frango, «nunca tinha ido ao teatro». Chegando ao fim do advento, tinha três chaves/rituais que abririam para ele a porta do seu «natal», seu nascimento como homem, como «galo». «Tinha três chaves a porta»:

«Uma estava com o escrivão» — **O teatro de Menezes** — «mais de uma vez, ouvindo dizer ao Menezes que ia ao teatro, pedi-lhe que me levasse consigo».

«Eu levaria a outra» — **a missa do galo na corte** — «eu já devia estar em Mangaratiba, em férias; mas fiquei até o natal para ver a missa do galo na corte».

«A terceira ficava em casa» — **a missa de Conceição** — «todas as missas se parecem» «em casa de família é que não acho próprio».

Essas três chaves vão abrir-lhe o espaço do simbólico e propiciar-lhe a passagem para a vivência do social e da lei. Menezes é o representante da lei — rei — enquanto escrivão e marido. Saindo para o «teatro», subverte a lei do matrimônio, mantendo, porém, fora de casa, a lei do «galo», do «macho». Perde seu lugar de rei dentro de casa. É deposto, dando lugar a Nogueira que é entronizado como novo rei. A entronização será feita por Conceição, que o concebe e faz nascer como homem, **filho** de seu desejo, nele despertando a sexualidade e como **rei**, fazendo-o reproduzir o papel de Menezes, o marido. Conceição tem, pois, caráter duplo, ambíguo:

7. ELIADE, Mircea — **Mito e Realidade**, Ed. Perspectiva — S.P. 1972.

— Sagrado — Nossa Senhora da Conceição, a que concebe, criadora. **Produtora**. «Boa Conceição. Chamavam-lhe a santa».

— Profano — Cleópatra, sacerdotiza, rainha, sedutora. **Produto** do desejo de Nogueira.

Temos,

Conceição: mãe: produtora :: Nogueira: filho: produto

Conceição: rainha: produto :: Nogueira: rei: produtor.

A entronização é sacralizada na «missa do galo», durante a qual «a figura de Conceição interpõe-se mais de uma vez» entre Nogueira e o padre. Há uma dessacralização da missa — ritual para onde se dirigem os bons e os eleitos a fim de participarem da comunhão de que não participam os pecadores, aqueles que perderam, como Adão e Eva, a pureza original.

Conclusão

Ao reconstituir a cena, o episódio original, o narrador faz uma representação, transfiguração gerada pela «trama» enredo-desejo, ou seja, pela projeção do real sobre o imaginário e vice-versa.

Em sua narrativa-pretexto, o autor/personagem desperta ou decodifica seus sentimentos antagônicos, prisioneiros de padrões sociais, castradores e ao mesmo tempo, contraditoriamente, liberados pela fantasia, imaginação. A partir de seu relacionamento com determinada senhora, constrói sua narrativa, fruto de suas impressões e do seu desejo e, assim, centrada na ambivalência.

A peça tece as sutilezas do significante, expõe teatralmente o apolíneo e o dionísíaco, compreendidos como o real e o desejado, o racional e a fantasia, a censura e a liberação, inerentes ao dualismo do comportamento do homem.